

A REESCRITURA DA DISLALIA NA FALA DO PERSONAGEM CEBOLINHA, DA TURMA DA MÔNICA, EM INGLÊS E ESPANHOL

Cristina Pasquetti Massutti*

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre reescritura da dislalia presente na fala do personagem Cebolinha, da Turma da Mônica, das edições nº54 em língua espanhola e língua inglesa, intituladas, respectivamente, *Monica y sus amigos: Aquí hay historia* e *Monica and friends: There's a story here*. O objetivo é investigar de que forma a dislalia do personagem Cebolinha é reescrita na língua inglesa e na língua espanhola. A base epistemológica do estudo encontra-se em Koller (2004), Lefevere (1992) e García (2004). A ideia da pesquisa surgiu como uma inquietação da autora da pesquisa após tomar conhecimento de que as histórias da Turma da Mônica tinham sido traduzidas para outros idiomas. A principal hipótese era de que a reescritura das histórias recebesse grandes adaptações para caracterizar a dislalia. Quanto às versões analisadas dos léxicos nos dois idiomas, foi possível entender que os tradutores procuram fazer uso da equivalência denotativa na maior parte das vezes, deixando a equivalência pragmática para quando não é possível fazer a representação do mesmo texto na reescritura do texto de chegada. Como resultado, foi percebido que os léxicos com dislalia na língua inglesa obtiveram uma maior quantidade de traduções denotativas do que os léxicos de língua espanhola que foram traduzidos para a Língua inglesa.

Palavras-chave: Cebolinha; Dislalia; Tradução.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the rewriting of the dyslalia present in the speech of the character Cebolinha, from Turma da Mônica, of issues nº54 in Spanish and English, entitled, respectively, *Monica y sus amigos: Aquí hay historia* and *Monica and friends: There's a story here*. The study's epistemological basis is found in Koller (2004), Lefevere (1992) and García (2004). The objective is to investigate how the dyslalia of the character Cebolinha is rewritten for the English language and for the Spanish language through a case study of issue number 54. The research idea arose as a concern after the author became aware that the stories of Turma da Mônica had been translated into languages other than English. The main hypothesis was that the rewriting of the stories received a lot of adaptations of meanings to characterize dyslalia. As for the analyzed versions of the lexicons in both languages, it was possible to understand that translators seek to make use of denotative equivalence in most cases, leaving pragmatic equivalence for when it is not possible to represent the same text in the rewriting of the arrival text. As a result, it was noticed that the lexicons with dyslalia in the English language obtained a greater number of denotative translations than the lexicons in the Spanish language who were translated into the English language.

Keywords: Jemmy Five; Dyslalia; Translation.

* Mestranda em Letras e Cultura (UCS). Especialista em Orientação Educacional (Aupex). Licenciada em Letras- Inglês (UCS) e História (UNIASSSELVI). Acadêmica de Licenciatura em Letras – Espanhol (UCS) e Licenciatura em Geografia (UCS).

Introdução

As histórias em quadrinhos da Turma da Mônica fizeram parte da infância e adolescência (e por que não dizer fase adulta também?) de muitos brasileiros. Criada pelo cartunista Maurício de Sousa, a primeira história em formato de tirinha e foi publicada no *Jornal Folha da Tarde* no estado de São Paulo em 1959 (SOUZA, 2017). A inspiração de vários de seus personagens veio por meio de pessoas de sua própria família. A personagem, Mônica, por exemplo, é uma homenagem à filha do próprio cartunista (SOUZA, 2017).

Os quatro personagens centrais são a Mônica, o Cebolinha, o Cascão e a Magali. Cada um deles foi caracterizado por Maurício de Sousa de formas muito específicas, alguns na forma física e outros a respeito da personalidade: Mônica apresenta um problema dentário, cujos dentes da frente da boca são mais sobressalentes. Além disso, ela está sempre acompanhada de seu bichinho de pelúcia, um coelho chamado Sansão. Magali tem como característica principal o fato de gostar de comer bastante. Já Cascão detesta tomar banho e foge de qualquer lugar que tenha água, inclusive da chuva. E, por fim, temos o personagem Cebolinha. Ele é o único do quarteto que apresenta os dedos dos pés separados e tem apenas cinco fios de cabelo. Porém, a característica que se sobressai em relação aos demais é a dislalia, uma disfunção da fala:

O conceito de dislalia corresponde ao distúrbio na articulação dos fonemas, seja pela ausência ou alteração de alguns sons específicos, seja pela substituição destes por outros de forma inadequada. É, portanto, uma incapacidade de pronunciar ou formar corretamente certos fonemas ou grupos de fonemas. (GARCÍA, 2004, p. 27, tradução minha²).

No caso do personagem Cebolinha, a dislalia é representada pela troca do fonema /r/ pelo fonema /l/ na pronúncia das palavras em língua portuguesa.

Atualmente, no Brasil, é frequente a venda de gibis da Turma da Mônica em língua portuguesa, língua inglesa e língua espanhola. Diante disso, obtém-se o seguinte questionamento: sabendo que o personagem Cebolinha apresenta o transtorno da dislalia em que, na língua portuguesa ele troca do fonema /r/ pelo fonema /l/ na pronúncia das palavras, como os tradutores conseguiram demonstrar esse distúrbio nas edições em língua inglesa e em língua espanhola?

Este estudo é relevante porque pretende mostrar as construções lexicais utilizadas pelos tradutores dos gibis da Turma da Mônica nas trocas de fonemas da fala do personagem Cebolinha, visto que cada palavra reescrita da língua portuguesa para a língua inglesa ou

² *El concepto de dislalia corresponde al trastorno en la articulación de los fonemas, o bien por ausencia o alteración de algunos sonidos concretos o por la sustitución de éstos por otros de forma impropia. Se trata pues de una incapacidad para pronunciar o formar correctamente ciertos fonemas o grupos de fonemas.* Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.7, n.11, p.3-20, 2021.

espanhola nem sempre apresenta um conjunto de letras a qual se pode atribuir na mesma exatidão a dislalia do personagem³.

A hipótese inicial desta pesquisa era que não fosse realizada uma tradução literal e sim uma tradução adaptada por meio da escolha de outros léxicos para que o transtorno pudesse ser reescrito para os outros idiomas.

Procurou-se realizar um levantamento sobre os estudos tradutórios envolvendo a Turma da Mônica e as diferentes construções da linguagem. Destacamos a dissertação de mestrado de Spicacci (2018), em que a autora trouxe um estudo que demonstra como é realizada a tradução para libras enfatizando as falas dos personagens Cebolinha e Chico Bento pois ambos apresentam características diferenciadas na linguagem: o caso do Cebolinha, a dislalia, e o do Chico Bento, variações dialetais. O resultado apresentado é que as diferenciações das falas são representadas por diferenças no posicionamento das mãos e criatividade dos intérpretes. Outro trabalho relevante é o estudo de Almeida (2019) sobre a versão dos quadrinhos da Turma da Mônica para o Francês. Os principais itens encontrados pela autora foram as adaptações nos nomes dos personagens, expressões do dia a dia e onomatopeias. Por fim, evidenciou-se o trabalho de Macedo (2018) sobre as marcas culturais brasileiras na tradução para a Língua inglesa. O resultado da pesquisa dela mostrou que as marcas brasileiras foram mantidas no outro idioma em um sentido denotativo dos léxicos.

No entanto, considera-se importante ressaltar que não foram encontrados muitos estudos sobre a tradução da dislalia especificamente em inglês e espanhol, envolvendo a Turma da Mônica, principalmente no sentido de comparar as duas línguas, pois, pelo que foi percebido durante a busca por trabalhos a respeito do tema, os trabalhos citam de uma forma geral que perceberam, por exemplo a troca de fonemas, mas não verificam os motivos pelo qual a tradução/ reescritura (LEFEVERE, 1992) é realizada de uma ou outra forma nesses dois idiomas.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é o de investigar de que forma a dislalia do personagem Cebolinha é reescrita para a Língua inglesa e para a Língua espanhola e entender as possíveis causas das escolhas fonéticas que representam o distúrbio de fala do personagem. Nesta pesquisa exploratória pretende-se analisar o *corpus* presente na edição da Turma da Mônica edições nº54 em Língua espanhola e Língua inglesa, intituladas, respectivamente, *Monica y sus amigos: Aquí hay historia* e *Monica and friends: There's a story here.*, contemplando os seguintes passos: a) realizar a leitura da edição nº 54 em língua inglesa e em

³ É importante mencionar que nesta pesquisa, os léxicos que serão analisados serão os da língua inglesa e espanhola e não da língua portuguesa.
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.7, n.11, p.3-20, 2021.

língua espanhola; b) selecionar as palavras para compor um *corpus* para a análise; c) comparar o *corpus* nos dois idiomas em quadros; d) verificar quais expressões puderam ser reconstruídas em língua inglesa e espanhola a fim de representar a dislalia do personagem; e) se verificado a não possibilidade de reconstrução lexical, verificar os principais motivos dessa situação acontecer.

Este artigo está dividido nas seguintes seções: na primeira, será abordado, brevemente, o início da produção das histórias em quadrinhos; na segunda seção, será explanado a teoria da equivalência de tradução de Koller (2004) com o suporte de Minchin (2018) e Pym (2017). Posteriormente, a seção três trará as características das categorias da dislalia (García, 2004). Após a apresentação das bases epistemológicas, será demonstrado os passos metodológicos da pesquisa, seguido de quadros com os resultados encontrados no *corpus* analisado, com as devidas reflexões a respeito dos léxicos utilizados nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, das edições nº54 em Língua espanhola e Língua inglesa, intituladas, respectivamente, *Monica y sus amigos: Aquí hay historia* e *Monica and friends: There's a story here*.

1 A produção de histórias em quadrinhos

De acordo com Pimentel (2018) considera-se que as primeiras histórias contadas por meio de imagens originaram-se a partir das pinturas rupestres nas paredes das cavernas. No entanto, muitos séculos mais tarde, na Europa, um dos precursores das histórias em quadrinhos foi o suíço Rodolphe Töpffer (1799-1846), que narrava aventuras por meio das ilustrações. Mas foi o francês Georges Colomb (1856-1945) quem dividiu, pela primeira vez, os acontecimentos de suas histórias em quadros para contá-las ao seu filho e depois usou a estrutura para gerar fonte de renda. A diferença em relação aos quadrinhos de hoje é que os quadrinhos de Colomb não eram em formato quadrado. Ele usava diferentes formas geométricas cujo quadrinho central da página representava o início da história (PIMENTEL, 2018).

Nos EUA os quadrinhos surgiram em Nova York, em 1894, com a publicação da história *Down Hogan's Alley* do cartunista Richard Felton O'Connell (1863-1928). O diferencial em relação aos quadrinhos anteriores é que esse foi o primeiro que teve representações de fala em balões (PIMENTEL, 2018).

Todavia, o formato a qual lemos hoje, em quadros e com balões de fala, foi desenvolvido por Rudolph Dirks (1877-1968) em 1897 e que apresentou a estrutura pela primeira vez ao *Morning Journal*, de Nova York, nos EUA (PIMENTEL, 2018). O autor ainda esclarece que, inicialmente, as tirinhas de jornal da Europa e da América eram em preto e branco e tinham um

caráter político. Com o passar do tempo tornaram-se coloridas e saíram do mundo da política para ampliar o mercado consumidor.

2 A teoria da equivalência de tradução de Werner Koller

Há diversas teorias que demonstram ideias referentes sobre estudos de equivalência de tradução. Para este artigo, foi escolhido o estudo realizado pelo alemão Koller (2004) a respeito da teoria de equivalência de tradução pois a teoria dele vai ao encontro das ideias da autora do artigo a respeito dos processos tradutórios. Como a teoria de Koller (2004) quase não foi traduzida para outros idiomas, utilizou-se, também, como suporte para o entendimento da teoria do autor, o estudo realizado por de Minchin (2018) e Pym (2017).

As pesquisas Werner Koller (2004) foram realizadas em várias universidades, tais como na Universidade de Estocolmo e na Universidade de Zurique, em departamentos de Linguística alemã. Koller (2004) foi influenciado pela convivência com os professores russos Hans Vermeer e Katharina Reiss, no ambiente universitário alemão, sobre utilizar a tradução com um propósito ou um escopo. Vermeer e Reiss ([1984] 2014, p. 89) defendiam a ideia de escopo como: “[...] uma ação tem precedência sobre o modo de ação, ou seja, o propósito determina se, como e o que é feito.” (Tradução minha⁴).

Em outras palavras, a ideia central de Vermeer e Reiss ([1984] 2014) era de que o processo comunicativo da tradução de uma língua estaria intrinsecamente ligado cultura a qual aquele texto está inserido nos dois vieses: tanto na cultura expressa no texto de partida quanto na cultura expressa no texto de chegada: o que é entendido em um determinado idioma pode não ser compreendido em outro por questões culturais e cabe ao tradutor escolher os léxicos que auxiliem o leitor ao entendimento da mensagem.

Para Koller (2004, p. 186), no entanto, a lealdade do tradutor, precisaria sim ser considerada: “Na verdade, trata-se de combinar a teoria de escopo com a prevalecente harmonização da prática e a didática da tradução. A chave para isso deve ser o requisito de lealdade do tradutor.” (Tradução minha⁵). A lealdade, nesse caso, estaria atrelada à ideia de seguir uma fidelidade para com o texto.

Minchin (2018) identifica que o viés de estudo de Koller (2004) se dá por meio da Linguística Textual, isto é, usar um texto de partida e realizar uma equivalência dele em um

⁴ [...] *an action takes precedence over the mode of action, i.e. the purpose determines whether, how and what is done.*

⁵ *Tatsächlich geht es darum, Scopos Theorie mit der vorherrschenden zu kombinieren Harmonisieren Sie die Praxis und Didaktik der Übersetzung. Ö Der Schlüssel dazu muss die Loyalitätsanforderung des Übersetzers sein. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.7, n.11, p.3-20, 2021.*

segundo texto, que seria entendido como o texto de chegada. Para o autor “[...] é a meta do processo de planejamento e produção: com base nas informações sobre a intenção do cliente; com base nas informações que obtém do texto de origem, e com base em seu próprio conhecimento do grupo alvo e cultura alvo”. (KOLLER, 2004, p. 195) (Tradução minha⁶).

Ainda para Koller (2004), é importante destacar que a questão da equivalência é possível de acontecer quando um texto consegue expressar a mesma ideia em um outro idioma, não necessariamente usando uma palavra específica, mas que apresente o mesmo valor linguístico (SAUSSURE, [1916] 2012), isto é, uma palavra que no texto de chegada represente o mesmo valor que no texto de partida. Já para Reiss e Vermeer (2014) essa equivalência ficaria em segunda plano porque o mais importante seria transmitir a informação de uma língua para outra, não necessariamente usando um termo que representasse o mesmo valor linguístico. Se o tradutor considerasse que era mais importante reescrever o texto que ele havia recebido para fazer a tradução, ele o faria. Enquanto que nas ideias de Koller (2004, p.202), isso não deveria acontecer: “A definitividade do escopo resulta da necessidade lógica, em princípio o estabelecimento de qualquer relação entre o original e o texto alvo.” (Tradução minha⁷).

Pym (2017) explica que Koller (2004) utilizava cinco eixos para a relação das equivalências. O primeiro eixo consistia em uma equivalência estético-formal (*formal-ästhetische Äquivalenz*). Para Koller (2004) tratava-se de como o texto seria ser configurado no texto de chegada em relação ao texto de partida, incluindo figuras de linguagem, transformações estilísticas, lexicais e rítmicas. Pensando a respeito dessas três transformações é que se associou à fala do personagem Cebolinha para pesquisar como que a dislalia poderia se recriada em outros idiomas.

Pym (2017) ainda explica que o segundo eixo consistia em uma equivalência conotativa (*konnotative Äquivalenz*), em que as ideias podiam ser expressadas por meio de uma palavra que iriam além do uso habitual que se fazia dela. Nesse sentido, entende-se que um léxico pode oferecer várias possibilidades de uso na língua de chegada e caberia ao tradutor escolher a melhor opção.

Koller (2004) ainda sugere que o uso da equivalência conotativa pode variar principalmente quando são analisados o público a qual aquela tradução vai ser realizada para que provoque o efeito desejado. Minchin (2018) cita como exemplo expressões que são formais e informais e palavras em que em um determinado local se nomeia de uma forma e em outro

⁶ *Ziel des Planungs- und Produktionsprozesses ist es aufgrund der Informationen über die Intention des Auftraggebers, aufgrund der Informationen, die er dem Ausgangstext entnimmt, und aufgrund seiner eigenen Kenntnisse über die Zielgruppe und Zielkultur.*

⁷ *Definierbarkeit des Skopos ergibt sich die logische Notwendigkeit, grundsätzlich die Herstellung jeder beliebigen Beziehung zwischen Ausgangstext und Zieltext.*

local, ainda que fazendo uso do mesmo idioma, se nomeia de outra maneira, entre outros fatores.

Em terceiro eixo descrito por Pym (2017) sobre a teoria de Koller (2004), é a equivalência normativa-textual. O autor considera que para que o texto tenha o efeito desejado na tradução, o tradutor deve-se ater as características daquele gênero, sem deixar de enfatizar o aspecto comunicativo como uma função dessa tradução que está sendo realizada. Nesse caso, Koller (2004) refere-se ao reconhecimento do tradutor a respeito de qual gênero textual ele está tendo contato porque cada um dos gêneros tem características bem específicas.

O quarto eixo da teoria de Koller (2004) é a equivalência pragmática (*pragmatische Äquivalenz*). Pym (2017) entende que esta parte da teoria trata sobre a pessoa que vai receber o texto. Para Minchin (2018), nesse caso, a proposta é avaliar como o texto será recebido pelo leitor e se a mensagem estará chegando com a mesma intencionalidade do texto de partida.

O último eixo da teoria de Koller (2004) é equivalência denotativa (*denotative Äquivalenz*) a qual escolhemos para fundamentar a análise das traduções nas seções posteriores. Pym (2017) descreve que essa é uma equivalência cuja a palavra pode ser empregada em seu exato sentido literal na língua de chegada.

Fazendo algumas reflexões e considerações a respeito da tradução das histórias em quadrinhos, que é o foco do nosso artigo, trazemos Pimentel (2018) sobre a tradução das histórias em quadrinhos, que corrobora com o último eixo de Koller (2004) ao defender a ideia de que o tradutor pode até adequar o texto traduzido, mas deve, necessariamente, prevalecer a fidelidade do texto.

Pimentel (2018) ainda sugere nunca criar mais diálogos ou diminuí-los, tampouco reestruturar cenários, salvo em raríssimas exceções, tais como a retirada de palavras ou a redução de um balão de fala, quando a quantidade de palavras no outro idioma não for a mesma do que a original ao fazer aquela versão ou a tradução específica. Ainda de acordo com Pimentel (2018), os valores e crenças dos tradutores de histórias em quadrinhos não devem ficar salientes na obra em que se está trabalhando, tampouco estereótipos ou preconceitos. O tradutor precisa ter um grande domínio dos idiomas a qual está trabalhando e necessita adequar o texto ao cotidiano lexical a qual está fazendo a versão ou a tradução.

Essas ideias apresentadas por Koller (2004), Vermmer e Reiss ([1984] 2014), Minchin (2018), Pym (2017) e Pimentel (2018) foram importantes para fundamentar e refletir sobre esta pesquisa, uma vez que esses vão ao encontro das ideias da autora do artigo. Acredita-se que se não houver a possibilidade de realizar uma tradução lexical equivalente ou com o valor linguístico similar, reescrever o texto pode ser a alternativa mais adequada para a que a outra cultura possa entrar em contato com o texto da cultura de partida.

3 O conceito de reescritura/rewriting

A tarefa tradutória não é fácil pois há inúmeras possibilidades lexicais e de estrutura de uma língua para outra. Lefevere (1982) entende como *rewriting* (reescritura) quando há a possibilidade de reescrever um determinado trabalho de uma língua para outra. Os principais fatores para que isso aconteça podem ser questões ideológicas, poéticas ou de patronagem. Este último é entendido pelo autor quando o profissional de tradução reescreve o texto enfatizando ou inibindo determinadas partes do texto para adequar-se à cultura de uma sociedade.

Para Lefevere (1982, p.14) “patronos tentam regulamentar o relacionamento entre o sistema literário e outros sistemas, a qual, juntos, constroem a sociedade, a cultura.” (Tradução minha⁸). Nesse sentido, os tradutores, enquanto patronos, buscam reescrever as histórias de forma a contemplar a cultura a qual o texto está sendo exposto de acordo com as situações presentes em cada sociedade. O caso da reescrita da dislalia é um exemplo disso. Os fonemas trocados em um determinado em língua inglesa não são os mesmos dos da língua espanhola, cabendo ao tradutor reescrever a história para que o texto contemple a ideia dessa disfunção da fala, sem descaracterizar o personagem para a outra cultura.

4 A dislalia e suas categorias

Considerando que a dislalia é o foco das análises tradutórias deste artigo, julga-se relevante entender de forma mais aprofundada esse transtorno da fala e suas categorias. De acordo com García (2004), a dislalia é um transtorno de fala em que a pessoa tem ausência ou má articulação de sons da fala. Segundo a autora, a dislalia pode ser classificada como evolutiva, audiógena, orgânica e funcional.

A dislalia evolutiva geralmente inicia na infância e percebe-se que a criança não consegue repetir alguns fonemas com a pronúncia correta. Essa dificuldade tende a ser superada conforme o passar dos anos. Há necessidade de tratamento caso esse transtorno não seja corrigido naturalmente. O segundo tipo de dislalia é chamado por García (2004) de audiógena. Essa dislalia ocorre quando a criança tem problemas de audição e não consegue pronunciar as palavras com os fonemas corretos por causa disso.

⁸ *Patrons try to regulate the relationship between the literary system and the other systems, which, together, make up a society, a culture.*

A terceira categoria da dislalia é a orgânica. García (2004) esclarece que alterações orgânicas como no sistema nervoso, podem afetar a linguagem. Também são consideradas má formações anatômicas que podem influenciar nesse tipo de transtorno. O último tipo de dislalia é a funcional, que pode acontecer com qualquer fonema, García (2004, p.28) salienta que os mais frequentes são: “/r/, /k/, /l/, /s/, /z/ y /ch/”. A autora ainda destaca que nesse caso a criança não consegue distinguir quais os fonemas que pronuncia de forma correta e quais não. Entendemos que a fala do personagem Cebolinha se enquadra nesse tipo, que é a troca das palavras que têm o fonema /r/.

5 Metodologia para a análise dos quadrinhos

Esta pesquisa, de natureza exploratória. Pretende-se analisar a dislalia presente na fala do personagem Cebolinha, da Turma da Mônica, das edições nº54 em língua espanhola e língua inglesa, intituladas, respectivamente, *Monica y sus amigos: Aquí hay historia* e *Monica and friends: There's a story here*.

O *corpus* utilizado foram duas histórias em quadrinhos. A primeira história em quadrinhos analisada é intitulada *Aquí hay historia*, em língua espanhola, cuja a mesma, em versão em língua inglesa, é chamada de *There's a story here*. A segunda história em quadrinhos é intitulada *Ella lo quiere todo*, em Língua espanhola, com sua versão em Língua inglesa sob o nome de *She wants everything*.

A metodologia contempla os seguintes passos:

- a) realizar a leitura da edição nº 54 em língua inglesa e língua espanhola;
- b) selecionar as histórias que contenham léxicos dos quadrinhos em que o personagem Cebolinha apresente a dislalia para compor um *corpus* para a análise;
- c) comparar o *corpus* nos dois idiomas, língua inglesa e língua espanhola, em formato de quadros, verificando se a palavra em língua inglesa é a mesma que sofre dislalia em Língua espanhola;
- d) verificar se houve alguma construção lexical que não pode ser reescrita representando a dislalia em algum dos idiomas e, se possível, encontrar o léxico que foi substituído para compensar a disfunção da fala;
- e) analisar qual a categoria da dislalia a qual o personagem Cebolinha se encontra, bem como entender qual é o tipo de equivalência que foi utilizada para representar a sua disfunção de fala.

5.1 Coleta de dados e comparações

Após a leitura das histórias em quadrinhos das edições nº 54 foram organizados quadros em que se pode observar o léxico encontrado com dislalia e como ele deveria estar escrito sem a disfunção da fala, se a expressão fosse dita por qualquer outro personagem.

Quadro 1 - Léxico encontrado com dislalia em *There's a story here*

Léxico encontrado com dislalia	Escrita sem dislalia
FOWGOT	FORGOT
GWOWN	GROWN
WECYCLED	RECYCLED
HUWTING	HURTING
VEWY	VERY
WABBIT	RABBIT
FWOM	FROM

Elaboração: a autora

No Quadro 1 é possível observar que as reescrituras utilizadas foram no sentido denotativo. As trocas de fonemas observadas foram que as palavras que continham a pronúncia da letra R foram representadas foneticamente pela letra W. Da mesma forma, o sentido denotativo pode ser aplicado na segunda história em quadrinhos em língua inglesa (Quadro 2). Observou-se que tanto palavras com RR quanto com R são substituídas por um W.

Quadro 2 - Léxico encontrado com dislalia em *She wants everything*

Léxico encontrado com dislalia	Escrita sem dislalia
MAWY	MARY
GONNA WIP	GONNA RIP
WEAD	READ
EVEWYTHING	EVERYTHING
IMPOWTANT	IMPORTANT
SOWY	SORRY
SCAWY	SCARY

Elaboração: a autora

Na versão do texto dos quadrinhos em língua espanhola (Quadros 3 e 4) foram detectadas substituições da letra R pela letra L assim como ocorre nas histórias em quadrinhos de língua portuguesa da Turma da Mônica.

Quadro 3 - Léxico encontrado com dislalia em *Aquí hay historia*

Léxico encontrado com dislalia	Escrita sem dislalia
CLEZCAN	CREZCAN
DEPLEDANDO	DEPREDANDO
MULO	MURO
CALTEL	CARTEL
LECICLADO	RECICLADO
PELJUDICO	PREJUDICO
TLANQUILA	TRANQUILA
PALA	PARA
ENCONTLALO	ENCONTRARLO

Elaboração: a autora.

Quadro 4 - Léxico encontrado com dislalia em *Ella lo quiere todo*

Léxico encontrado com dislalia	Escrita sem dislalia
MALÍA	MARÍA
MILA	MIRA
QUIELE	QUIERE
LOMPER	ROMPER
IMPOLTANTE	IMPORTANTE
IMPOLTANTES	IMPORTANTES
SUELTE	SUERTE
PELDÓN	PERDÓN

Elaboração: a autora.

5.2 Comparação lexical da língua inglesa para a língua espanhola

Nesta seção, foram desenvolvidos quadros comparativos entre os léxicos encontrados na Língua inglesa e sua equivalência denotativa para a Língua espanhola. Nesta primeira análise (Quadro 5) foi possível perceber que a equivalência denotativa foi reescrita/recriada nas palavras *gwoon/ clezcan*, *wecycled/ lecyclado* e *huwtng/peljudico*. Nos demais itens lexicais não foi possível realizar a equivalência denotativa da dislalia pois o léxico equivalente não oferece a possibilidade de realizar trocas de letras.

Quadro 5 – Léxico em Inglês encontrado na história *There's a story here* x equivalência na edição espanhola

Léxico em inglês	Como é encontrado na versão em espanhol
FOWGOT	OLVIDASTE
GWOWN	CLEZCAN
WECYCLED	LECICLADO
HUWTING	PELJUDICO
VEWY	QUÉ
WABBIT	CONEJAZO
FWOM	DE

Elaboração: a autora

Na segunda análise (Quadro 6), a palavra *evewithing* na Língua inglesa, não pode ser representada com dislalia na tradução para a língua espanhola, todo.

Quadro 6 – Léxico em Inglês encontrado na história *She wants everything* x equivalência na edição espanhola

Léxico em inglês	Como é encontrado na versão em espanhol
MAWY	MALÍA
GONNA WIP	LOMPEAR
WEAD	LEELA
EVEWYTHING	TODO
IMPOWTANT	IMPOLTANTE
SOWY	PELDÓN
SCAWY	UFF

Elaboração: a autora

Da mesma forma em que *scawy* não conseguiu ser representada de forma dislállica na língua espanhola.

5.3 Comparação lexical da língua espanhola para a língua inglesa

Nesta seção considerou-se importante destacar como os léxicos em língua espanhola foram reescritos em língua inglesa. No Quadro 7 é possível observar que de nove léxicos em língua espanhola, cinco não puderam ser traduzidos com dislalia para a língua inglesa porque os léxicos escolhidos via equivalência denotativa não contemplaram letras para efetuar a troca dislállica.

Quadro 7 – Léxico em espanhol encontrado na história *Aquí hay historia* x equivalência na edição inglesa

Léxico em espanhol	Como é encontrado na versão em inglês
CLEZCAN	GWOWN
DEPLEDANDO	DEFACING
MULO	WALL
CALTEL	FACE
LECICLADO	WECYCLED
PELJUDICO	HUWTING
TLANQUILA	CALM DOWN
PALA	TO
ENCONTLALO	FIND

Elaboração: a autora

Já neste último caso (Quadro 8), das oito palavras em espanhol, duas palavras na língua inglesa não foram usadas no sentido denotativo com dislalia: *look* e *wants*. A palavra *suelto* entrou na categoria da equivalência pragmática de Koller (2004) em que ocorrem outras configurações no texto chegada. Em relação à essa palavra, foi criada uma frase que tivesse o mesmo valor linguístico, utilizando outras expressões, deixando o balão de fala com uma frase mais curta do que a original.

Quadro 8 – Léxico em espanhol encontrado na história *Ella lo quiere todo* x equivalência na edição inglesa

Léxico em espanhol	Como é encontrado na versão em inglês
MALÍA	MAWY
MILA	LOOK
QUIELE	WANTS
LOMPER	GONNA WIP
IMPOLTANTE	IMPOLTANT
IMPOLTANTES	IMPOLTANT

SUELTE	Não foi encontrada uma expressão equivalente.
PELDÓN	SOWY
MALÍA	SCAWY

Elaboração: a autora

Entre outras palavras, a mensagem chegou com a mesma intencionalidade do texto de partida.

6 Discussão dos dados encontrados

Tanto para Clark (1993) quanto para Elbert (1975), o som /r/ é um dos mais difíceis de se pronunciar e também é um dos últimos sons que se aprende. Concorda-se com os autores visto que na Língua portuguesa, por exemplo, a letra R contém diferentes formas de pronúncia, tanto no início quanto no meio de palavra, bem como os RR. Ademais, a afirmação dos autores se confirma pois é possível perceber que a fala do personagem Cebolinha é corrigida apenas nas edições da Turma Mônica Jovem Tanto para eles quanto para García (2004), a correção da pronúncia do /r/ é lenta e gradativa. García (2004) explica que “a substituição do fonema /r/ por outros fonemas é chamada de pararotacismo, sendo frequente na fala infantil, dentro de uma dislalia normal de evolução” (Tradução minha⁹).

Destacamos, nesse sentido, que García (2004) reforça que quando ocorre a troca de /r/ por /l/, que é o caso do personagem Cebolinha, ela denomina essa variação de rotacismo bucal: “No rotacismo oral, o ar é desviado lateralmente, entre a língua e as bochechas, fazendo com que esta vibre e substituindo o /r/ pelo /l/.” (Tradução minha¹⁰) (GARCÍA, 2004, p. 191). Romano e Fonseca (2015) ainda acrescentam que o fenômeno do rotacismo ocorre em todas as línguas românicas. Por isso, tanto na língua portuguesa, quanto na língua espanhola a troca do fonema /r/ pelo fonema /l/ é aplicado de forma similar. Em ambas as línguas ocorrem as mesmas trocas fonéticas. A língua francesa, partindo desses pressupostos, também seguiria a mesma troca de /r/ por /l/ por ser uma língua românica.

No entanto, o rotacismo em Inglês não ocorre da mesma forma que na língua espanhola ou língua portuguesa. Há a troca de /r/ por /w/. O inglês pertence à família das línguas germânicas do ocidente, assim como o alemão. As trocas por outros fonemas, nesse sentido é “resultante do rotacismo germânico-ocidental” (SANTO, 1996, p.111), resultante de um

⁹ *La sustitución del fonema r por otros fonemas se denomina pararotacismo, siendo frecuente en el hablar infantil, dentro de una dislalia normal de evolución.*

¹⁰ *En el rotacismo bucal, el aire es desviado lateralmente, entre la lengua y las mejillas, haciendo vibrar estas últimas y sustituyendo la /r/ por la /l/.*

processo de evolução das próprias línguas. O autor ainda destaca que na língua alemã, por exemplo, ocorre a troca o /r/ por /z/.

Com isso, percebe-se que cada família linguística pode influenciar nas trocas fonéticas da dislalia. Assim, entende-se que as traduções criam um padrão para questões de dislalia /r/. Resumidamente, as trocas ocorrem /r/ para /l/ no português, /r/ para /l/ no espanhol, por serem da mesma família linguística, a românica; e /r/ para /w/ para o caso do inglês, de família germânica. Assim, o padrão da fala de uma criança de países como os citados pode ser reproduzido de igual forma para os quadrinhos quando há a necessidade de se efetuar uma tradução ou uma reescritura de uma fala.

Considerações finais

Este artigo apresentou uma investigação que abordou de que forma a dislalia do personagem Cebolinha é reescrita na língua inglesa e na língua espanhola. Nesta é representada pela troca do /r/ por /l/. Naquela ocorre a troca do /r/ por /w/.

Com as bases epistemológicas apresentadas foi possível conhecer alguns aspectos do conceito de reescritura (LEFEVERE, 1992), a equivalência de tradução proposta por Koller (2004), tendo como auxílio para o entendimento da teoria os estudos de Minchin (2018) e Pym (2017). Também foi possível compreender aspectos da dislalia e rotacismo, principalmente sob o olhar de García (2004).

O principal fator da fala do Cebolinha receber diferentes formas de reescritura da dislalia ocorre por causa do rotacismo oral a qual a família linguística do inglês (germânica ocidental) e do espanhol (românica) pertencem. Como resultados, percebemos que os léxicos com dislalia na língua inglesa obtiveram uma maior quantidade de traduções denotativas do que os léxicos de língua espanhola.

No entanto, destacamos que os léxicos empregados no sentido denotativo nem sempre puderam receber construções dislállicas pois as letras das palavras, muitas vezes, não permitiam efetuar as trocas. Mesmo assim, os tradutores utilizaram como recurso para esse problema, a escolha de outros léxicos que pudessem receber a dislalia para manter um equilíbrio na quantidade de palavras a qual Cebolinha fazia a troca de letras.

Por uma questão de escopo não foram incluídas as reescrituras da Turma da Mônica em francês, deixando essa como uma sugestão para futuros trabalhos. Esperamos ter contribuído de alguma forma com a comunidade acadêmica ao respondermos de que forma a dislalia é traduzida para a Língua inglesa e para a Língua espanhola em histórias em quadrinhos.

Referências

- ALMEIDA, A. C. A. “**Mônica: força**”: uma proposta de versão para o francês. 2019. 36 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Francês)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- CLARK, C. E.; SCHWARZ, I. E.; BLAKELEY, R. W. **The removable r-appliance as a practice device to facilitate correct production of /r/**. Am J Speech Lang Pathol. 1993.
- ELBERT M., M. C.; RENYNOLDS L. V. **Transfer of /r/ across contexts**. J Speech Hear Disord. 1975.
- KOLLER, W. **Einführung in die Übersetzungswissenschaft**. 7ed. Wiebelsheim: Quelle & Meyer, 2004.
- LEFEVERE, A. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London, New York: Routledge, 1992
- MACEDO, K. B. **Marcas da cultura brasileira na tradução para a língua inglesa do quadrinho a turma da Mônica**. 2018. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua inglesa) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2018.
- MINCHIN, C. R. **Equivalência é tudo igual?** Reconsideração da Equivalência de Koller à luz da tradução das cores em Buddenbrooks, de Thomas Mann. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) – Universidade de São Paulo, 2018.
- MONICA AND FRIENDS. **There’s a story here**. São Paulo: Panini Comics, nº 54, outubro 2019.
- MONICA Y SUS AMIGOS. **Aquí hay historia**. São Paulo: Panini Comics, nº 54, outubro 2019.
- PIMENTEL, C. **Tradução de histórias em quadrinhos: teoria e prática**. Belford Roxo, RJ : Transitiva, 2018.
- REISS, K.; VERMEER, H. J. **Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained**. New York: Routledge, [1984] 2014.
- ROMANO, V. P.; FONSECA, C. G. **Uma abordagem sociodialeológica do fenômeno do rotacismo no município de Itajubá-MG**. Webrevista sociodialeto, vol. 6. nº 16. 2015.
- SANTO, F. M. E. **Reflexões sobre o ensino da História da Língua, com especial atenção às línguas alemã e inglesa**. Actas do XII Encontro da APL. 1996.
- SAUSSURE, F.; BALLY, C.; SECHEHAYE, A.; RIEDLINGER, A. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 16. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, [1916] 2012.
- SOUZA, M. **Mauricio**: A história que não está no gibi. Rio de Janeiro/RJ: Primeira Pessoa, 2017.
- SPICACCI, A. A. C. **Tirinhas da Turma da Mônica**: tradução do português para a libras por meio da ELiS. 2018. 85 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.7, n.11, p.3-20, 2021.

TURMA DA MÔNICA. **Aqui tem história.** São Paulo: Panini Comics, nº 54, outubro 2019.